

CARTOGRAFIAS NA LEITURA: CAMINHANDO POR TERRITÓRIOS PSICOSSOCIAIS

CARTOGRAPHS IN READING: WALKING THROUGH PSYCHOSOCIAL TERRITORIES

Thatiana Muylaert
UERJ/FAPERJ/CNPq

Resumo: O gesto de leitura é fator primordial para as relações sociointeracionais. É através dele que se pode caminhar por territórios desconhecidos e perceber a relação interdiscursiva (Maingueneau, 2008) que subjaz toda prática discursiva (Deusdará; Rocha, 2021; Maingueneau, 1997). Diante desse cenário, este artigo propõe o desbravamento acerca da Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021), com o intuito de apresentar um modo outro de habitar territórios psicossociais (Rolnik, 2016), pondo em cena a necessidade de se cartografar as práticas discursivas que permeiam as mídias sociais, através do leitor-cartógrafo (Menezes, 2021). Para isso, analisamos dois comentários feitos na rede social *Facebook* a partir da entrevista feita ao ex-presidente Jair Bolsonaro no *Jornal Nacional da Rede Globo* de televisão no período eleitoral do ano de 2022. Notamos que as subjetividades, que atravessam os corpos-discursos, podem permitir a construção de novas micropolíticas (Rolnik, 2018) ou dar ênfase às macropolíticas (Rolnik, 2018) que se fazem presentes na contemporaneidade. Ainda, expomos os efeitos discursivos que tais publicações puderam projetar em um momento tão polarizado da cena política nacional.

Palavras-chave: Análise Cartográfica do discurso; prática discursiva; leitor-cartógrafo; redes sociais.

Abstract: *The reading gesture is a primordial factor for social interactional relationships. It is through it that one can walk through unknown territories and perceive the interdiscursive relationship (Maingueneau, 2008) that underlies all discursive practice (Deusdará; Rocha, 2021; Maingueneau 1997). Given this scenario, this article proposes an exploration of Cartographic Discourse Analysis (Deusdará; Rocha, 2021), in order to present a different way of inhabiting psychosocial territories (Rolnik, 2016), highlighting the need to map the discursive practices that permeate social media, through the reader-cartographer (Menezes, 2021). For this, we analyze two comments made on the social network Facebook based on the interview given to ex-president Jair Bolsonaro on *Jornal Nacional on Rede Globo television* in the electoral period of 2022. We note that the subjectivities, which cross the bodies-discourses, they can allow the construction of new micropolicies (Rolnik, 2018) or emphasize the macropolicies (Rolnik, 2018) that are present in contemporary times. Still, we expose the discursive effects that such publications could project in such a polarized moment of the national political scene.*

Keywords: *Cartographic Discourse Analysis; discursive practice; reader-cartographer; social media.*

O GESTO DE LEITURA: PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho tem o intuito de apresentar uma proposta de pesquisa com ênfase no gesto de leitura, calcado nas bases da Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021), destacando o estudo de práticas discursivas (Maingueneau, 1997) que permeiam as mídias sociais, possibilitando modos outros de habitar territórios psicossociais (Rolnik, 2016). Acreditamos que, a partir da tríade escrita-leitura-interação, as subjetividades e os movimentos sociopolíticos nascem dos gestos de leitura que atravessam os corpos-discursos. Tais enunciados são materializados por meio dos signos linguísticos e visuais. Ainda, sustentamos que o gesto de leitura é um dos principais pilares para o desenvolvimento linguístico e social dos indivíduos que participam da comunidade em que vivem.

Desse modo, o nascimento deste texto se dá a partir das angústias vivenciadas pela autora em relação à leitura e à interpretação de gêneros distintos, sobretudo os que circulam nas mídias digitais. ¹De outro modo, no período em que cursei o doutorado, lancei mão de teorias cartográficas e discursivas para tentar compreender o processo de leitura de gêneros cujas materialidades fossem a verbal e a visual, em específico, os memes de teor político. De tal angústia e das leituras acerca da cartografia, germinou em mim, em minha tese e no meu processo de pesquisa, a figura do leitor-cartógrafo, aquele que é capaz de percorrer o território-texto e de se libertar de suas subjetividades, a fim de (re)encontrar outras.

Todavia, esse leitor-cartógrafo, na escrita da tese, passou por um circuito que se restringiu à prática discursiva memética, tendo sido pensado e proposto apenas para esse gênero. Isto é, estávamos tão imersos ao objeto de estudo que não percebemos o quanto tal proposta poderia ser aproveitada para o trabalho com distintos gêneros. Em 17 de dezembro de 2021, em meio à minha defesa de doutorado, uma das componentes da banca, a Professora Doutora Tatiana Jardim, enfatizou a maleabilidade do material que tinha em mãos, do quanto a proposta do leitor-cartógrafo era produtiva e como somos leitores-cartógrafos dos mundos em que habitamos, mas também dos corpos-discursos com os quais interagimos.

Isto posto, partimos do princípio de que ler e interpretar diz mais sobre as subjetividades que atravessam aquele que lê do que sobre quem escreve, tendo em vista a subjetividade das práticas discursivas que nos atravessam enquanto corpos-discursos. Atendendo a isso, faz-se necessário buscar caminhos outros que enfatizem a discursivização dos corpos, que não são únicos, mas sim moldados pelas esferas e pelas instituições que interferem na construção do sociopolítico nacional.

Nesse sentido, a dificuldade com a interpretação de textos consiste como uma das problemáticas mais presentes na sociedade contemporânea, haja vista o modo como muitos usuários das plataformas digitais se portam diante de textos, produzindo questionamentos que parecem ir de encontro ao sentido que tal texto produz. Todavia, notamos que o ponto principal da adversidade com a interpretação não está em si no ato de interpretar, mas sim na atividade que vem anteriormente a ela, ler. Isto é, a leitura pressupõe inferências (Dell'isola, 2011), interdiscursos (Maingueneau, 2008), bem como o “caminhar” intimamente no território que está sendo lido. É sobre o “caminhar”, “desbravar” e “percorrer” os sentidos das práticas discursivas (Maingueneau, 1997) que debruçaremos nossos estudos.

A partir dos postulados da Análise do Discurso, versada por Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2014); do Platô 1, presente na coletânea *Mil Platôs* (Deleuze; Guattari, 1995); da *Cartografia Sentimental* (Rolnik, 2016) e do *Pistas do Método da Cartografia* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), dentre outros, nasce a perspectiva da Análise Cartográfica do Discurso, proposta pelos professores Bruno Deusdará e Décio Rocha (2021), que visa, também, a apresentar a importância de um modo outro de pesquisar e de habitar territórios psicossociais (Rolnik, 2016).

¹ Faço um “parêntese” para escrita em primeira pessoa, com o fito de explicar o processo e o percurso pelo qual passei para escrever e refletir acerca do que trago neste trabalho.

Diante dessa perspectiva, nota-se como fazer cartografia e análise do discurso se confluem na compreensão da projeção de sentidos múltiplos que perpassam a sociedade contemporânea, sobretudo, nas redes sociais. Isto é, se a prática discursiva (Maingueneau, 1997) se materializa através do verbal e do visual, projetando diversos sentidos, isso só é possível porque há um processo e um percurso pelos quais passaram e passam não só a materialidade discursiva, como também a própria sociedade.

Se pensarmos nos memes da internet, por exemplo, podemos dizer que eles representam, em tom humorístico e satírico, a sociedade da qual fazem parte, bem como o contexto discursivo em que se inscrevem. De outro modo, um meme sobre jogos de computador só produz relação com Outro (Maingueneau, 2008) se esse Outro se constituir dentro do mesmo campo discursivo (Maingueneau, 2008). Isso acontece porque as pistas, deixadas na materialidade discursiva, são passíveis de serem cartografadas por usuários que compartilhem do mesmo “campo”. Ler é, antes de tudo, (re)conhecer e (re)descobrir os efeitos de sentido que se projetam na atualidade a partir do esquecimento, a fim de disseminar efeitos outros que possam interferir na sociedade.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo principal apresentar alguns postulados da Análise Cartográfica do discurso, bem como sua relação com a produção dos sentidos na/para a leitura.

PRÁTICA DISCURSIVA E INTERDISCURSO

A sociedade atual consagrou o uso da palavra discurso a diversas situações cotidianas, tais como: “isso é discurso de esquerdista” ou “conheço bem esse seu discurso”. Tendo em vista esse uso consagrado e bebendo em fontes foucaultianas, Maingueneau (1997) traz à cena discursiva a noção de prática discursiva, com a finalidade de reafirmar a importância tanto do social quanto do textual na projeção desses “discursos”. Nesse sentido, trabalhar com a noção de prática discursiva traz para o campo de pesquisa o distanciamento do termo do senso comum, reafirmando a relação histórico-social presente nestas práticas. Nesse sentido, Deusdará e Rocha (2021, p. 88) afirmam que

O conceito de prática discursiva é, na verdade, um reformulate de discurso que apresenta uma grande vantagem: se muitas vezes “discurso” foi entendido como sinônimo de “texto”, com a nova formulação o equívoco não mais se sustentará, uma vez que “discurso” passa a ser entendido como a articulação de textos e comunidades que alimentam a produção de textos – sendo também alimentada por esses textos. Em outras palavras, o texto é apenas uma das vertentes da prática discursiva.

Os autores ainda (re)afirmam que a ideia de instituição discursiva possui duas faces,

[...] sendo uma social e a outra, linguageira, Introdução às leituras do arquivo (MAINGUENEAU, 1991) ratifica muito do que já havia sido dito em Novas Tendências como complexificação das condições de produção dos discursos. Com efeito, a articulação de uma “topografia das classes sociais e dos conjuntos textuais” (MAINGUENEAU, 1991, p. 190) promovida pela noção de prática discursiva resulta de uma reformulação de termo empregado por Foucault [...] (Deusdará; Rocha, 2021, p. 88).

Diante do exposto, a opção por trabalhar com o sintagma prática discursiva possibilita trazer à cena analítica as duas faces das materialidades discursivas, a social e a textual, isso considerando que, para a perspectiva cartográfica, os efeitos de sentido que se produzem através da projeção de enunciados é o que, de fato, se constitui relevante. Não que o estudo dos mecanismos para compreender a formulação de práticas discursivas não seja importante, mas são os impactos, resultantes das produções discursivas, que nos parecem interferir e, talvez, modificar o corpo social que constitui a coletividade.

É a partir dessa conjuntura que os autores da Análise Cartográfica do discurso (Deusdará; Rocha, 2021) apostam num primado da prática discursiva, pois a análise dos “discursos” que permeiam as comunidades só se credibiliza a partir do momento em que essas práticas interferem no coletivo, produzindo diversos efeitos de sentido capazes de (re)constituir e (re)condicionar distintas subjetividades.

Nessa linha de raciocínio, outro primado que se faz substancial para análise de práticas discursivas é o primado do interdiscurso. Para Maingueneau (2008), as práticas discursivas só se constituem como tal porque estão em constante relação com discursos outros, possibilitando os embates discursivos através da relação com Outros (Maingueneau, 2008).

Todavia, com o intuito de aprofundar tal primado, Maingueneau (2008) aposta na explicação acerca do pilar que o constitui: o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo. O primeiro diz respeito às possibilidades discursivas que integram uma conjuntura. Já o segundo corresponde às práticas discursivas que se encontram em concorrência dentro do universo discursivo; por exemplo, os enunciados que corroboram subjetividades “ditas” esquerda *versus* os enunciados que se confluem às subjetividades “ditas” direita. Já o espaço discursivo se trata dos subconjuntos das formações discursivas, as quais estão em (inter)relação, ou seja, esse é o espaço em que o analista põe em jogo o processo investigativo (Deusdará; Rocha, 2021).

É sob esse cenário discursivo que Maingueneau (2008) apresenta a relação do Mesmo e do Outro. Este se faz na esteira daquele, o Outro é a projeção sócio-histórica que se permite a partir do Mesmo, é o traço reconhecível no próprio Mesmo, é o que faz com que o Mesmo produza efeitos de sentido. De outro modo, o Mesmo se constitui na ilusão provisória do Outro, sendo necessário apagar essa identidade do Outro, esquecer, de fato, suas marcas para se fazer presente discursivamente. O Mesmo se materializa no afastamento do Outro. É justamente nessa relação de apartamento que se constitui o interdiscurso, pois uma prática discursiva tenta anular a existência da prática com a qual mantém vinculação para se reconhecer. O Mesmo se afirma a partir do momento em que se reconhece como não sendo o Outro. Isto é, ao negar o Outro reconhece a si mesmo.

Nesse cenário, podemos compreender melhor a relação Mesmo e Outro se pensarmos que as identidades são construídas a partir da rejeição de outras identidades. Caso uma prática negue a existência da linguagem inclusiva de gênero, por exemplo, ela se reafirma na exclusão de subjetividades que reafirmam a existência desta linguagem. Ou seja, “é reconhecendo o que eu não sou que me valido como indivíduo”. Nas palavras de Maingueneau (2008, p. 37):

Se queremos mesmo pensar em termos de pessoa linguística, talvez seja mais justo ver no Outro um *eu* do qual o enunciador discursivo deveria constantemente separar-se. Ele seria, então, de alguma forma, o *interdito* do discurso. [...] O outro circunscreveria justamente o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso; por conseguinte, não há necessidade de dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse outro, que exclui pelo simples fato de seu próprio dizer.

Desse modo, o postulado do interdiscurso se constitui como pilar primordial para análise e para produção de significação das práticas discursivas. É ele que permite reconhecer o (in)dizível dessas práticas, já que está em constante relação dialógica. Em analogia a isso, o que concerne os efeitos de sentido na leitura está imbricado nas relações que se nega e que se reconhece através das materialidades linguísticas e não linguísticas. Dito isso, os gestos de leitura são capazes de traduzir o simulacro que se perpetua na relação Mesmo/Outro.

CARTOGRAFIA E LEITOR-CARTÓGRAFO

No platô 1 da coletânea *Mil Platôs* de Deleuze e de Guattari (1995), é possível encontrar informações acerca do rizoma. Tal conceito, para os autores, estaria no limiar de uma sociedade mais igualitária, por assim dizer, pois o rizoma daria conta de postular uma relação transversal entre as comunidades e mitigaria os efeitos produzidos pela hierarquia consagrada na construção sócio-histórica da nação. Isto é, a relação de verticalização, produzida por estereótipos colonizadores, por exemplo, poderia ser desconstruída se a construção rizomática se perpetuar.

Os autores resgatam esse termo da área da Botânica, associando as relações sociais às raízes. Nesse sentido, as raízes “comuns” representariam as relações verticais, e as raízes do tipo rizoma, as relações transversais, já que elas se ramificam transversalmente e são capazes de se conectar a outras raízes, ao passo em que vão se alastrando. À vista disso, Deleuze e Guattari (1995) apostam em 6 princípios que regulam o rizoma, entre eles, encontra-se o princípio da cartografia. Esse princípio postula a capacidade de o rizoma ser constituído como um mapa, [...] já que ele é aberto e conectável, “susceptível de constantes modificações” (Menezes, 2021, p. 44). Nas palavras dos autores, “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (Deleuze, Guattari, 1995, p. 21).

Também dessas postulações nasce a obra *Cartografia Sentimental* de Sueli Rolnik (2016), em que a autora aposta na noção de cartografia, apresentada por Deleuze e Guattari (1995), para pensar a relação entre pesquisador e objeto no mapear-cartografar-pesquisar. Para a autora, essa noção de mapeamento social também pode ser utilizada para o mapeamento de territórios psicossociais, ao passo em que o indivíduo se encontraria como cartógrafo do próprio ato de pesquisar. Ou seja, ao reconhecer os territórios psicossociais como materialidades passíveis de serem cartografadas, a figura do leitor pode se lançar como desbravador de determinado território, logo, a relação de latitude contribui para o olhar mais apurado das materialidades discursivas. Em Menezes (2021, p. 47), encontramos um modo outro de conceber as noções latitudinais propostas por Rolnik (2016),

Em princípio, apresenta o *platô de latitude um*, que dispõe diretamente sobre essa relação afetiva que toca diretamente o pesquisador e o faz ter coragem para exteriorizar seus afetos, devido à tamanha curiosidade. Já o *platô de latitude dois* permite o encontro do pesquisador com o “corpo” - não é mais só curiosidade, é um possível encontro de forças que se atraem, mas não sabe se realmente quer essa exteriorização de afetos, daí a autora dizer, de certa forma, que esse pesquisador fica intrigado. Por último, o *platô de latitude três* parece dizer respeito “à falta de norte” que capta o pesquisador no processo cartográfico, fazendo com que ele repense sua colocação no mundo, bem como aquilo que pesquisa.

Nesse contexto, a citação apresentada anteriormente reforça o caráter processual da inextricável conexão entre materialidades discursivas e figura leitora. É nesse meandro que achamos pertinente pensar em um leitor-cartógrafo, aquele capaz de se desterritorializar de suas subjetividades e se reterritorializar no mapeamento do espaço-texto.

Os estudos sobre o papel do leitor na construção de sentidos do texto não é incipiente, mas se faz pertinente pensar o ato de cartografar como mecanismo substancial na construção de efeitos de sentidos em práticas discursivas, já que nem sempre a subjetividade explorada pela figura leitora em determinada enunciação será una, isto é, é possível mapear distintas subjetividades que se reconhecem no Outro (Maingueneau, 2008) no Mesmo (Maingueneau, 2008).

De outro modo, é muito comum que indivíduos, cuja “bolha social” seja a mesma, acreditem que determinados enunciados dizem só e apenas aquilo que conseguem reconhecer. Diante disso, podemos pensar, mais uma vez, nos memes da internet como excelentes materialidades que personifiquem esse ideal, sobretudo os políticos. Desta maneira, um meme em que ironiza e/ou ridiculariza a Dilma Rousseff, por exemplo, poderia ser associado às subjetividades que correspondem a camada populacional que se diz direita no Brasil. Todavia, o mapeamento cuidadoso dessa materialidade pode revelar subjetividades outras que passam despercebidas, mas que, se analisadas com cautela, poderiam produzir efeitos de sentidos outros que se cruzam na esteira do interdito.

Mas como reconhecer ou se colocar como leitor-cartógrafo de práticas discursivas? O caminho percorrido pela figura leitora até o nível de leitor-cartógrafo requer desdobramentos, pois ele passa por embates íntimos e pessoais até perceber que não é mais uma figura leitora “ingênua”. Assim como todo leitor, esse também inicia a produção de sentidos das práticas com a identificação da materialidade com a qual se relaciona, ou seja, projeta-se como *identificador* do gênero e do código linguístico utilizado para a materialização dela. Isto é, ao se deparar com um meme, por exemplo, o *identificador* é capaz de reconhecê-lo como meme, mas pode não produzir nenhum efeito de sentido se não reconhecer o campo discursivo ao qual pertence ou não (re)conhecer o código linguístico com que foi escrito, por exemplo, um leitor de português que não fala a língua inglesa.

Para se desdobrar e sair da esfera de identificador, essa figura precisa conseguir produzir sentidos, mesmo que preambulares acerca da materialidade analisada. Em outras palavras, o *identificador*, desdobrado em *leitor*, é capaz de relacionar as linguagens (verbal e visual) e produzir alguma relação de sentido entre elas, seja um meme, seja uma entrevista televisiva, seja uma notícia de jornal. Todavia, esse *leitor* nem sempre fica no preâmbulo interativo, quase sempre faz conexão com o sócio-histórico e busca por vozes outras que “habitam” o território psicossocial. Ao reconhecer a interdiscursividade (Maingueneau, 2008) enunciativa das práticas, essa figura sai da esfera de *leitor* e se transforma em *locutor* (Ducrot, 1987) da materialidade analisada.

Não obstante, a relação latitudinal com a materialidade deixa pistas para que essa figura queira ir além do comum, tendo em vista que a maioria das figuras leitoras acabam estagnadas como *locutores* dessas práticas. Em uma situação como essa, em que esse *locutor* “revisita” o mapa-texto, ele pode se transformar em *leitor-cartógrafo*, ao passo em que reconhece vozes outras que vão de encontro às vozes reconhecidas por ele na etapa anterior. Isto significa que o *leitor-cartógrafo* é capaz de se desterritorializar de suas subjetividades para se reterritorializar a subjetividades que defronte às suas.

Esses desdobramentos podem ser melhores visualizados na imagem a seguir:

Desdobramento Cartográfico



Fonte: da autora (2018).

Diante do exposto, não é incoerente dizer que nem sempre essa figura se desdobrará até o estágio de leitor-cartógrafo, mas que possa, ao menos uma vez, reconhecer as subjetividades que estão em concorrência no universo discursivo em que nos encontramos, pois, ao mapear os territórios psicossociais, começamos a compreender que reconhecer os mecanismos persuasivos das “bolhas” sociais, que diferem das nossas, é o que contribuirá para a compreensão do mundo em que vivemos.

EFEITOS DE SENTIDO DA ENTREVISTA DE JAIR BOLSONARO AO JORNAL NACIONAL NO ANO DE 2022

O ano de 2022 foi marcado também pela disputa eleitoral para a presidência dos quatro anos subsequentes. Entre os candidatos, encontravam-se Jair Messias Bolsonaro, até então presidente do Brasil, e Luiz Inácio Lula da Silva, até então ex-presidente e forte ameaça a Jair. Além das disputas narrativas que encheram as redes sociais de posicionamentos, já que a tensão entre as comunidades apoiadoras de ambos os candidatos era enorme, aconteceram, na metade do ano da eleição, as entrevistas com os candidatos, bem como os debates eleitorais entre eles.

Nesse contexto, gostaríamos de destacar a entrevista do ex-presidente do Brasil a um dos mais sérios jornais televisivos brasileiros, o Jornal Nacional da TV Globo, televisionado no dia 22 de agosto de 2022, em horário nobre. O jornal abordou temas que marcaram a candidatura de Jair, como: ataques ao sistema eleitoral brasileiro e golpe; manifestação de apoiadores; compromisso com o resultado das urnas; pandemia; economia; meio ambiente; aliança com o centrão; trocas de ministro da educação e interferência na Polícia Federal. A entrevista teve duração de 40 minutos com direito a um minuto de considerações do candidato.

Tal entrevista deixa pistas e justifica o caminho pelo qual desejamos percorrer: buscar, nas materialidades discursivas, elementos que transpassam a ideia de um único caminho discursivo, apontando as relações interdiscursivas (Maingueneau, 2008) presentes em todas as atividades enunciativas. Ou seja, a entrevista trouxe às redes sociais subjetividades que circulam nos dois polos que emergem no país, direita e esquerda, o que reforça, nesse sentido, a teorização Mesmo x Outro, proposta por Maingueneau (2008), uma vez que tais práticas se solidificam na construção de seus posicionamentos na negação do Outro (Maingueneau, 2008), acarretando a polarização política.

Da mesma entrevista, dos mesmos momentos, pudemos ler comentários e memes no *Facebook* em que diziam que “Bolsonaro perde em um debate da 5ª série fácil”, fazendo referência à má argumentação do atual presidente, mas também pudemos ler, acerca do mesmo trecho, enunciações como: “Globo acabou de reeleger Bolsonaro”³, fazendo referência ao bom desempenho argumentativo do entrevistado. Dado esses dois comentários, notamos que o leitor-cartógrafo é peça frutiva para a análise de territórios midiáticos, tendo em vista sua disposição em se despir de suas subjetividades para se reterritorializar por outras, reconhecendo o ponto de confluência entre as enunciações: os efeitos polarizadores.

Diante disso, como compreender discursos tão distintos à praticamente o mesmo momento televisionado? Por que os indivíduos, que assistiram à entrevista, trazem comentários tão discrepantes? Como determinar de fato os efeitos de sentido produzidos na e para a sociedade? Certamente, perguntas como essas não têm respostas exatas, certas ou erradas, pois as subjetividades são muitas, e o que nos atravessam também, mas tais questionamentos podem ser analisados e refletidos a partir das instituições de poder que integram a sociedade. Nesse sentido, a perspectiva cartográfica, através do conceito do rizoma, contribui com o percurso e com o processo de construção de sentido traçados pelo cartografar do leitor-cartógrafo, compreendendo as materialidades psicossociais como possíveis de serem cartografadas, tal qual apontou Rolnik (2016), justamente, por permitir um “olhar” latitudinal no decorrer desse “emaranhado” significativo que se reconhece na transversalidade rizomática das práticas, tendo em vista a produção de efeitos de sentido pela interdependência entre o Mesmo e o Outro (Maingueneau, 2008).

Podemos dizer que a sociedade se estrutura sob os pilares da macro e da micropolítica. A macro é sustentada por forças de um regime colonial-capitalístico (Rolnik, 2018), ou seja, há uma assimetria nas

² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2023.

³ Matéria e comentários disponíveis em: <https://www.facebook.com/UOL/>. Acesso em: 23 de ago. 2022.

relações sociais em que há associações de poder nas relações de raça, sexualidade, gênero, religião, entre outras. A micro possibilita a interferência do sujeito, que reassume “(...) sua responsabilidade ética durante a vida” (Rolnik, 2018, p. 126). “Partindo do princípio de que a descolonização do inconsciente implica necessariamente o terreno de nossas relações, das mais íntimas às mais distantes, os efeitos de qualquer gesto nessa direção são coletivos” (Rolnik, 2018, p. 126).

Nesse sentido, há, na cena política brasileira, principalmente, duas forças que concorrem no universo discursivo (Maingueneau, 2008), subjetividades do que se diz direita e subjetividades do que se diz esquerda. Nessa conjuntura, levando em consideração a (des)colonização do país, bem como a ascensão das subjetividades neoliberais desde o século XIX, podemos dizer que o exercício micropolítico nem sempre corresponde ao embate direto à opressão sofrida pelas comunidades oprimidas. Na verdade, a maioria não consegue se libertar da colonização do inconsciente, justamente porque somos levados a “surfear” essa onda de tradicionalismo religioso que coloca a fé num plano outro que não o do autocuidado com o outro. Em contrapartida, há, disso tudo, uma resposta positiva que faz com que outra parcela da população possa ir de encontro às políticas opressoras que se instauram no poder, porque ou reagem ou estão sujeitos à exploração e à execução de seus corpos. Para Rolnik (2018, p. 128),

[...] Mas a mesma ameaça à integridade pode, ao contrário, gerar uma resposta ativa: impulsionar os subalternos a reconectar-se com o saber-do-vivo por uma questão de vida ou morte. Isto os leva a buscar rasgar o véu das narrativas fantasmáticas construídas a partir de seu duplo-trauma que mascaram a causa de seu mal-estar, deturpando sua visão da realidade, movidos pelo impulso de retomar as rédeas da pulsão vital em suas mãos. Quando isso acontece, eles tendem a atingir um alto grau de lucidez e ganham mais força não só para resistir micropoliticamente tanto ao abuso como à humilhação, mas também para sua luta macropolítica contra a opressão, a exploração e a exclusão.

Com isso, percebemos o caminho árduo que o leitor-cartógrafo precisa percorrer, já que é na cartografia dos territórios psicossociais que ele irá produzir efeitos de sentidos polarizados. Ou seja, é preciso que essa figura leitora possa compreender que há subjetividades divergentes circulando pelo universo discursivo e que, embora não concorde com ela, precisa reconhecer que estão ali e que produzem sentido para aqueles cujas “bolhas” parecem ser capazes de serem impenetradas. É nesse jogo (inter)discursivo que o leitor-cartógrafo pode promover micropolíticas (Rolnik, 2016) ao mapear o território-texto sob perspectivas distintas. Aqui, pode-se perceber o porquê, de certo modo, de a entrevista de Jair em 2022 ter causado essa “dupla interpretação”: não é sobre quem ou sobre o quê se enuncia, mas sobre as forças e as subjetividades que encontram o Outro no (não) reconhecimento do Mesmo, produzindo efeitos de sentido diversos.

Essa figura leitora passa a se constituir como um pilar para a compreensão dos movimentos sócio-históricos que se constroem na sociedade midiática, pois, antes da era da internet, era muito mais comum o encontro de subjetividades similares, dada a proximidade entre os interlocutores. Ou seja, sem a conexão tecnológica, os indivíduos estavam, quase sempre, imersos a subjetividades semelhantes às suas, mas “não que o algoritmo não tente resolver isso”, porém, de um modo ou de outro, acabamos nos deparando com posicionamentos que vão de encontro ao que apoiamos e/ou acreditamos.

Com isso, o leitor-cartógrafo percorre as materialidades verbais e visuais que tem em “mãos” e mapeia tanto o território-texto, nesse caso a entrevista, quanto as redes sociais, a partir dos comentários feitos na matéria sobre a entrevista de Bolsonaro. Isto é, o Mesmo e o Outro (Maingueneau, 2008) estão em constante associação, justamente, porque a existência de “um” limita a existência do “outro”, produzindo um rizoma interdiscursivo que ocorre subjetivamente e que é projetado ao cartógrafo a partir da polifonia (Ducrot, 1987) presente nas enunciações.

Desse modo, primeiro, é importante ressaltar que o Jornal Nacional é um evento da TV Globo, empresa televisiva que divide opiniões pelo Brasil; de um lado houve aqueles que apreciavam o modo como os repórteres cobravam uma postura de presidente a Bolsonaro, sobretudo em tempos pandêmicos, mas também houve a população aliada ao ex-presidente que acreditava que tudo o que a Globo fazia era contar mentiras para “despopularizar” o político. Ainda, podemos pontuar o fato de Jair estar concorrendo ao pleito ao lado de Lula, nome forte para assumir a presidência e político agraciado pela população opositora ao, até então, presidente.

Outras pistas que podemos percorrer estão relacionadas ao campo de batalha que se tornara as redes sociais, principalmente, no momento de polarização vivida no país, o que possibilita soltura de farpas entre os usuários. Dado isso, entramos num campo em que ninguém quer ceder, nem repensar sua postura; de um lado, temos os ditos conservadores (aqui produzindo uma relação interdiscursiva aos movimentos neoliberais) e, do outro; os ditos pró-vida (aqui produzindo uma relação interdiscursiva aos movimentos comunistas). Nesse sentido, quando um usuário dispara: “Globo acabou de reeleger Bolsonaro”, há a produção de uma cartografia que claramente corrobora o pensamento e a pessoa de Jair, a negação ao Jornal da Globo, bem como quaisquer outros candidatos que poderiam ser eleitos.

Tal enunciado projeta efeitos de aliança com a ex-presidência, efeitos de intolerância às perguntas feitas ao, até então, candidato, bem como efeitos de ironia a toda encenação discursiva. Podemos notar que tal enunciado nega a existência do Outro, nesse caso, posicionamentos que vão de encontro ao Jair Bolsonaro, para dar existência e legitimidade ao político. Logo, é através do não reconhecimento do Jornal Nacional como um jornal televisivo sério, que as subjetividades apoiadoras do neoliberalismo negam a existência de subjetividades outras que destoam das suas, reforçando as macropolíticas impregnadas na contemporaneidade por meio da hierarquização vertical “vendida” pelo patriarcado.

Já o enunciado: “Bolsonaro perde em um debate da 5ª série fácil” permite um mapear-cartografar que produz efeitos totalmente opostos aos vistos anteriormente, tais como, efeitos contrários ao ex-presidente, efeitos de concordância com os questionamentos feitos, efeitos de polarização, já que interpela as falas de Bolsonaro, mas também efeitos de ironia. Todavia, os efeitos de ironia produzem subjetividades opostas aos efeitos de ironia apresentados anteriormente. No enunciado em favor do ex-presidente, encontra-se ironia em relação aos repórteres e à própria Globo, enquanto o enunciado contra o ex-presidente produz efeitos irônicos sobre a pessoa de Jair. Nesse sentido, a interdiscursividade também apresenta relações com o Outro, já que, ao negar a legitimidade da personalidade em questão, traz a cena discursiva sua (im)popularidade, que se reforça com a queda do populismo do ex-presidente, bem como com a sua não reeleição.

Por meio dessas pistas, o leitor-cartógrafo precisa se desterritorializar de suas subjetividades para se reterritorializar e produzir efeitos de sentido a partir dos dois posicionamentos, reconhecendo-os como legítimos e pertencentes à conjuntura social. De um lado, o conservadorismo permanece devido às macropolíticas estabelecidas verticalmente, tal qual as raízes tradicionais e, do outro, há a resistência através das micropolíticas que, assim como as raízes do tipo rizomas, buscam se desconectar de subjetividades autoritárias para se conectar a outras subjetividades e quebrar os paradigmas estabelecidos. “Personificação e animismo também levam à crença de que a sociedade é mais do que os efeitos de processos espontâneos e que pode portanto ser manipulada ou mobilizada como um todo; esta é a base do totalitarismo” (Brown, 2020, p. 43).

Sob esse prisma, o leitor-cartógrafo mapeia com o intuito de compreender o que esses enunciados estão mudando/mexendo/intervindo na sociedade. Desse modo, notamos como um texto age sobre o outro, como as práticas estão em constante disputa e como estão se reduzindo a seu campo de atuação, afirmando e/ou reproduzindo o que se constitui no já constituído.

(IN)CONCLUSÕES

Diante do exposto, propomos percorrer e verificar os efeitos de sentido que permeiam a sociedade e o impacto que as práticas discursivas produzem nela, através do gesto de leitura e do leitor-cartógrafo. Nesse sentido, é por meio do mapear que podemos, enquanto pesquisadores, reconhecer o embate entre as forças existentes e as relações interdiscursivas que se instauram entre o Mesmo e o Outro. A negação da existência daquele infere a existência desse, por assim dizer. Todavia, a percepção dessas relações discursivas são permitidas por intervenção dos gestos de leitura e da materialização de tais subjetividades através do linguístico e do não linguístico, já que são eles que dão corpo ao que se encontra no universo discursivo.

Nesse sentido, a Análise Cartográfica do discurso, ao confluir a cartografia às análises discursivas, possibilita o encontro multidisciplinar de distintas teorias, como a psicologia e a sociologia, por exemplo, já que, nessa perspectiva, a existência das práticas só é possível por intermédio da união entre linguagem, subjetividade e sociedade. Isto é, os efeitos de sentido são produzidos a partir da materialização da subjetividade que ocorre por meio da linguagem e da comunidade.

Ainda, reconhecemos a importância do rizoma e da cartografia para a construção social, reafirmando a necessidade de uma sociedade que relacione e integre transversalmente, conectando-se, desconectando-se e reconectando-se aos primados instaurados socialmente. Ademais, a posição de leitor-cartógrafo permite um exercício de conhecimento das macro e das micropolíticas do todo, um exercício autogestivo de suas próprias micropolíticas e um cartografar os territórios psicossociais que se projetam nas mídias digitais a todo tempo.

Na era da tecnologia e da informação, compreender os caminhos que permitem os combates sócio-políticos e as bolhas cibernéticas possibilita um caminhar por chuvas torrenciais que não alagam, mas que assustam⁴.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão política antidemocrática no Ocidente*. Tradução: Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020, 254 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 94 p.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise cartográfica do discurso: temas em construção*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021, 395 p.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, -7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 236 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução: Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997. 198 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 1984, 184, p.

⁴ Frase dita pelo professor Bruno Deusdará em aula na UERJ/FFP, no curso de mestrado em Letras, no dia 10 de abril de 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 207, p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frase sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, 200p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016, 248 p.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018. 208 p.

Agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processo SEI N° 01300. 008811/2022-51, e à FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, processo SEI N° SEI-260003/005791/2022, pelo financiamento deste estudo.

Thatiana Muylaert S. Menezes

Professora Adjunta de Língua Portuguesa e de Metodologia Científica e Tecnológica da Faculdade de Tecnologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FAT/UERJ), bolsista de pós-doutorado do CNPq com estágio pós-doutoral financiado também pela FAPERJ, no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE/UERJ). Tem experiência na área de Letras com ênfase no ensino de Língua

Portuguesa, de Linguística e de Metodologia. E-mail:
muylaertthatiana@yahoo.com.br/thatiana.muylaert@fat.uerj.br

Recebido em 15/05/2023.

Aceito em 10/10/2023.